



ALMA NOVA

(CAPA DE SAAVEDRA MACHADO)

ANO III - N.º 25
15 centávicos

ALMA NOVA

REVISTA DE BRESSURGIMENTO
INTELECTUAL E ARTISTICO

— PUBLICAÇÃO MENSAL —

DIRECTORES LITERARIOS: A. BUSTORFF & MATEUS MORENO
DIRECTOR ARTISTICO: SAAVEDRA MACHADO
Adm.: A. MENDONÇA — Sec.: JOSÉ REBELO

Representantes: BRAZIL — Ronald de Carvalho e Navarro da Costa; INDIA — Dr. Paulino Dias;
AFRICA — A. R. de Sousa Lopes

Sumário

ANO III — Janeiro de 1918 — N.º 25
(VOL. III)

Letras & Sciencias

| | |
|-------------------------------|---|
| A DIRECÇÃO..... | A nossa Revista. — O seu 3.º anniversario e o seu programa. |
| AQUILINO RIBEIRO..... | O arraial. |
| JOSÉ REBELO..... | Vencer! |
| MATEUS MORENO..... | Sobre a guerra. |
| CRUZ MAGALHÃES..... | Amor patrio. |
| J. J. NUNES..... | Toponimia algarvia. |
| AUGUSTO DE SANTA-RITA..... | Prophecia-Malabar. |
| ANTONIO RITA MARTINS..... | As falas. |
| LUIS CHAVES E S. MACHADO..... | Artistas de Portugal: III. Armando de Lucena. |
| BERNARDO DE PASSOS..... | A uma boca que é um coração... |
| A. BUSTORFF..... | Balanço mensal. |

Arte

| | |
|-----------------------|---|
| SAAVEDRA MACHADO..... | «Ponte sobre a Ria» e «Trecho da Estação» (parte sul) — FARO (Aquarelas). |
|-----------------------|---|

ILUSTRAÇÕES E MASCARAS DE SAAVEDRA MACHADO

Colaboração inédita e sómente a solicitada — Respeitada a ortografia dos autores

ASSINATURAS (Pagamento adiantado)

| | Semestre (6 n.ºs) | Ano (12 n.ºs) |
|-----------------------------|-------------------|---------------|
| Portugal, Ilhas e Col..... | 390. | 1580 |
| Brasil (moeda fra-n)..... | 8500 | |
| Paizes da União Postal..... | 10 fra. | |

Avulso, 15 centávros

ANUNCIOS

| | |
|---------------|------|
| 1 pagina..... | 8500 |
| 1/2 "..... | 4500 |
| 1/4 "..... | 2500 |
| 1/8 "..... | 1500 |
| 1/16 "..... | 1000 |

Permanentes — Contrato

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Calçada da Penha de França, 12, 1.º — LISBOA

Composto e impresso na Imprensa de Manuel Lucas Torres — R. do Diario de Noticias, 59 n 61 — LISBOA



ALMA NOVA

REVISTA DE RESSURGIMENTO
INTELLECTUAL E ARTISTICO

• DIRECTORES •
LITERÁRIOS :
A. BUSTORFF * E
MATEUS MORENO •
ARTÍSTICO :
SAAVEDRA MACHADO
—
Administ. : A. MENDONÇA

ANO III — Janeiro — 1918 — N.º 25

A nossa revista.— O seu 3.º aniversário e o seu programa

Esta, cremos, a terceira vez que de nós aqui nos ocupamos para de nós virmos falar e virmos repetir uma vez mais com entusiasmo os nossos comovidos reconhecimentos, a público e artistas, pela carinhosíssima aceitação com que sempre nos tem recebido.

Nunca é demais falar, quando se fala com bons intuitos, mas dirigido o apêlo da carta-circular do n.º 19 e levadas a efeito as brilhantes demonstrações que em o n.º 20 se comemoram, despertada, por assim dizer, toda essa confiança no RESSURGIR, — que já hoje é quasi um facto em plena pösse de direitos, — pouco mais nos restaria agóra recordar, se Má-fé e Incontinência não fossem, contudo, madonas que costumam andar ainda muito em visita pelos aracnidáceos de certos sôtãos...

Má-fé e Incontinência, — sem referir anti-patriotismos...

E assim, pois, iniciando hoje o seu terceiro aniversário, que é como quem diz o seu terceiro ano de insuperáveis sacrificiös e tentativas de estreme arrôjo, — como sejam as de ir formando e firmando o nome de toda uma Geração que renasce e quere viver, — iniciando hoje o seu terceiro ano, não quiz a *Alma Nova* deixar de recordar uma terceira vez o seu programa, para em terceira vez, também, atestar de novo e altivamente a desempenada confiança no triunfo dos seus Planos. As próprias anormalidades do momento, gigantescamente suscitadas pelas circunstancias da Guerra, essas mesmas tem qualquer coisa de escola em que ela veio aprender, — escola do Comum

Sacrificio em que se ensina a avaliar a consciência da Força e em que se ensina a retemperar as almas para a Luta!

E porque ser forte não é só saber vencer morrendo na batalha, mas sim o saber vencermo-nos e dominarmo-nos a nós-próprios; e não só o saber dominarmos a covardia de nós-próprios, mas ainda e sôbretudo a covardia dos outros; e porque ser forte é saber arrastar a Força consigo-mêsma, e ter em si e á sua volta a consciência de uma Força, como corágem verdadeira e verdadeiro acordar da Força, nunca poderão ser a que se manifesta em um momento de transvío, mas sim a que se nos representa ante a plena pösse de nós-mêsmos; e porque, emfim, verdadeira Corágem é a que sabe dominar, exaltar e subsistir, — a *Alma Nova*, vindo também a campo sómente para ser forte e para saber lutar, lutar com todo o entusiasmo da Mocidade que em si vibra, só na consciência verdadeira da verdadeira Luta que se impöz e na consciênte dominação dos seus planos de RENOVO, procurará, deverá e encontrará, portanto, a sua mais alta glorificação. Lutar, lutar por tudo, a propósito de tudo e contra todos; lutar contra o próprio meio e as dificuldades, as mais árduas; lutar contra o atavismo e intemperanças da própria Raça.

LUTAR — para Vencer!

E será lutando, vencendo e dominando sempre, que ela irá acordando nos corações todos os Anseios do seu Programa, e irá, emfim, realizando a obra de RENOVO que se propoz.

O ARRAIAL

Quando chegaram ao Miradouro, guarita que cobre da chuva um santinho sem nome e o viandante que passa, atalaia, com mais outros tres, aos caminhos perdidos pelos outeiros á cata dos povoados, o sol estava na agonia. A Lapa aparecia em baixo, a um arranco de cavallo, com o santuario de panos caiados a fraldejar, a casaria, pobre e alegre, de rojo para a Casa dos Jesuitas, grande como um Marão e soturna, e o peso de gente que, lá em riba, subia e descia a mar a monte, num arruido de trabuzana.

Pelo braço d'estrada fóra rompiam ranchos em algazarra, bestas rinchonas caracolando e maltas de varapau leva que leva. Lá adeante, no morrer da baixa, o melhor duma aldeia, harmonio fungando, côres a berrar, avançava num animado passo de dansa. Sósinhos, chegados um ao outro, lá passavam dois casadinhos de fresco, bem se lhes via nos olhos muito mexidos a vergonha de se mostrar. Tropicavam aze-meis com velhos de capote e chapéo braguez para a nuca, e eguas d'albarda com matronas de lenço de seda, peito coberto de oiro e tamanquinha de Vizeu no bico do pé. Para aguentar o passo, outras mulheres tinham tirado as chinelas e com ellas na mão, a par do sombreiro, ou á cabeça sobre o chaile, desunhavam-se todas tep, tep. E lá seguia tudo a catrapós, no frenesi de meter com sol á festa, que o mês d'agosto c'os seus santos ao pescoço não tinha melhor que a Senhora da Lapa, a rica Senhora da Lapinha.

D'ali até o povo, a cada banda da rampa, os pobres eram mais que o cisco. Uns tinham avantado para o meio da estrada sobre os cotos das mãos ou as pernas engatinhadas, secas como cabos de faca, e deitavam a lamuria:

— O' meus ricos senhores, dai a esmola ao aleijadinho! *Olhaide* para a minha triste sorte!

Outros, no meio de mondongos, punham ao léo chagas cancerosas, mais rôxas que as do santo Christo, e charqueiros de putrêa onde bichos reboludos, de cinta branca, e a mosca vareja vasculhavam. E berravam que o céu tremia. Os céguinhos de nascença, d'olhos vidrados, e os surdos mudos, assentes sobre os taleigos, pareciam marcos de balisa, por ali fóra. E os entrevados e enfezados, de cabeça d'alambique e corpo menineiro, em caixas de *pé-troline* ou canastras da sardinha, ao lado de matulões barbaçudos, estendiam a mão, a guinchar. Atraz d'elles, aqui e além, a' dois tanga-nhos, a panela do badulaque fervia; e no va-

por passava a olha do pespé rançoso, colhido em porta, responsadinha a Sant'Antonio.

— Por alminha de quem lá tendes, ó meus ricos senhores!

Aquele tinha o carão roido dum cancro e dava vomitos olha-lo; uma mulher vergava a cabeça debaixo dum lobinho, nascido no pescoço, e tam grande era que parecia trazer ás costas uma badana pelada. Jesus! um homem não tinha pernas nem trazeiro e, fiche sobre uma taboa, parecia enterrado d'estaca; mais além um monstro, com a boca rasgada até as orelhas e sem nariz e sem dentes, era mais temivel que a morte negra.

— Seja p'lo amor de Deus, — murmurou Maria da Gloria — ha tanto exemplo p'lo mundo!...

— Levam a vida regalada, — disse a Zabana, — não precisam de trabalhar.

— Deus do céu! eu antes queria andar de rastos como a cobra.

Estrada fóra, o corrilho de lazarus não despegava; e entre as pernas das bestas e nas saias das mulheres eram féros e agarradiços como carraças.

— Cinco reisinhos, oh! dêem cinco reisinhos a quem o não póde ganhar!

Um casal de cegos, bernal a tiracolo, rabeca elle, debaixo do braço, violá ella, furavam ronceiros por entre os magotes, apalpando o chão com o pau, o braço dela e o braço dele engatando sucessivamente no hombro do moço, á frente.

Eram os cegos d'Aldeia de Nacomba, que erravam de terra em terra e ao desafio cantavam, sobre a zanguizarra, fadinhos lirós e as trovas da filha que bateu na mãe e ficou com o braço no ar. Logo após caminhava o João Menino, de Quintela, que erguera casa a passeiar aquele enjalgado de trinta anos e cabia, dobrado, numa condecinha. A cafila dos pobres, sabendo-lhe da felicia, crivava-o de chufas:

— Pilhanqueiro! filho de cão e lobo! fôste tu que desacreditašte o officio de pobre! Ladrão!

De cabelos e barbas em ouriço, olhares de zango, engoiados nas borjacas, comidos de tinha, de lepra e de bichos, as chagas a derriçar-lhes na carne sã como cães, os pobres metiam nojo. Alguns deitavam o mau olhado e tinham vozes medonhas, de ladrão d'encruzilhada. E havia-os que cheiravam a mortulho, á legua. Todo o caminho não descozia aquela

praga, zumbindo, uivando, blasfemando, como se tivessem para ali revessado de todos os hospitais, e até das campas, a carne pôdre.

Maria da Gloria ia pelo meio da estrada, bem ao meio, para os não pisar, nem se envinchar neles. E com o vomito na garganta e o coração arripiado, levava os olhos por terra, como se fôsse em procissão de penitentes a cumprir um grande voto.

Chegadas, porém, ao largo do pelourinho, que é a boqueira do povo, de pedintes, entre a gentiaga em vaganao, só se toscavam os pirangas, que trocaram o trabalho pela vida marota e os *zoratos* que fazem graçolas de mono, e arremedam bandurras no varapau a que se encostam. Já mal se rompia. Lá estavam as vareiras, com as chapeletas sobre a caraminhola, mangas arregaçadas deante das barricadas, sobre que abriam as pernas a verter aguas, quando ao peixe de molho fôsse mister. Atraz delas, os burros dos festeiros scismavam com o relvão saboroso do maio, que já lá ia. Os adjuntos, môrmente á porta da Miquelina que não precisava de pôr o ramo, de caneca alçada bebericavam. Para a outra banda, os romeiros de longes terras, empilhavam-se nas escaleiras do pelourinho e suas abas, nas cercanias da velha çadeia, tam velha que já nem se sabia quando guardára homem. Entre eles nem ficava chão para pôr um pé. E por entre estes e as vareiras, as maltãs e ranchos cavalavam. Lá rompia Granjal, de pau no ar, tau-tau, viva a rusga! Logo na cóla, um harmonio gemia o fado, e os dansarinos, em volta, em rijos saracoteios, vá de frente vá de lado, batiam a terra a mata-cavalo.

— Auguinha fresca!

— Merca doces da Teixeira!

— Paulitos, fortes, e almirantes!

Era um dia de juizo. Esvasiavam-se para ali as terras de muitos concelhos; ainda havia gente para a guerra em Portugal!

A Zabana e Maria da Gloria fôram subindo a rua, entre apertões, pelas fendas que se abriam ao passar das maltas. Moleques sopravam ao realejo, e os toques roufenhos, sobre a algarzarra da festa, pareciam cigarras cantando nos tempos doidos das ceifas. Ahi disparava um cavaleiro, todo farofia, chapéo d'aba larga, pao de chôpa entalado debaixo da perna:

— Olá gentes, abram passage!

Bem arrejada besta, crinas aparadas, franjas na retranca, rifadôra por demais. O ar dele era rebentio, com a pinta de rico, e o poviléo apartava-se á banda. Mas lá desemboca outra malta:

— Viva Taboza!

— Viva!

E arremetia por li dentro, aos safanões, ó cetraz, em borbórios de poeira, zafarranchos de mil demonios. A força, que viéra do 9, a rôgo do sr. administrador, ensarilhára armas á porta do *Coleijo*, deixando a praça fôrra aos bargantes. Conho! todos juntos eram pimpões para estoírar com a tropa!

Havia olhos de senhoraças pelas janelas, na casa do sr. padre, e logo arriba na da Dona Maria. E, consoante o que assucedía em baixo, mostravam os dentes a rir. A vida estava para aquelas, que tinham bôs maridos a ganha-lo e não fossavam na terra; mas ora, a Senhora da Lapa dêsse saude... que o mais é gaita!...

Deante da Casa dos Jesuitas, tornada em *Coleijo*, as tendeiças não tinham mãos a medir nas barracas de lona. Vendia-se ali de tudo, berimbaus, palhaços que alçam as pernas por riba dos hombros, guisos asperos para adormecer meninos, os bôs canivetes de marca d'an-zol, faixas de oito voltas e linhas para quem se quizer coser. Deante de tanta lindeza, as moças arrelampavam. A Senhora Preciosa, a Micas e o Albino, que poisavam por aquelas parages, desfaziam-se em salvações. Nas redondezas, de mais conhecido só o capador de S. Joaninho, que entrava nos povos a tocar uma gaitinha de sete canudos vira-vira, vira-vira-vi e castrava e limpava a ceveira aos bacoros, na perfeição. A filha da senhora Preciosa com a mão direita servia o povo, com a outra fazia pular o néné que lhe arranjou um fidalgote de Penso.

— O' rico, riquiquinho! riquiquinho! A pandereta custa oito vintens, freguez, por ser para quem é. Este artigo até nos dá perca...

Faziam ali um negociarrão, e só lhes levava a melhor — se levava — o João das Tres, que se botára de Lamego com loiças finas e facas de pé de prata a dar de comer aos figuros. Lá rescendia da chafarica o relento da boa vitela assada, e quando alguém entrava ou saía, pelas bambinelas arredadas, abispavam-se toalhas de pano familio, talheres postos com guardanapo, e os criados de avental branco, gira que gira numa dobadoira.

Ali não faltava nada, só appetite ou dinheiro.

Mais arriba, a entestar com o Santuario, alinhavam as chafariqueiras; tomava-se ali toda a casta de bebidas, desde o café á limonada. Pelo meio, rondavam os moinas, que as melhores frangainhas da terra serviam naquelas barracas. O palminho do rosto, a poeira, o calor da bursunda, ou o frio da noite ajudavam á veniaga e era chicara cheia, chicara vazia. A Lapa vivia daquilo e dos padeiros. A agua do sitio — ali tem o Vouga a mãe — era rija e fintava-se um pão que nem o rei, em Lisboa, o

comia melhor. A Lapa abastecia tavernas e casas ricas pelas redondezas. Em duas alas, sobre tarimbas, ao entrar para a igreja, ofereciam os padeiros o pão. E até Nossa Senhora no penedinho recebia o bafo ainda quente da fornada. Chafariqueiras de boa disposição a fazer bem, padeirinhas de pele rosada e cabelo loiro, chamavam os faiantes que gostam de se desougar ou arreitar a femea por feiras e romarias.

Contra o *Coleijo*, armavam as doceiras; bolos, falgaros, rebuçados em taboleiros de que caíam as rendas; e debaixo do arco, que do *Coleijo* dá passadiço para a Capéla, em lençoes, á dependura das paredes, havia ricos ramalhetes de tafetá, amores perfeitos em chita, raminhos com penas de canario, tudo mais catita que um jardim no maio. Na Lapa, caramba,

Da novela regional *Terras do Démo*.
Inédito.

havia de tudo, o bom melão, a boa fruta, cachos da Tavora, dos temporões, enguia, vitela, uma moça frescalhota para gosar. E, mesmo pelas sombras, estes negociantes da trama, sem poiso fixo, os criadores de furão, os jogadores da vermelhinha, e até os ciganos de má morte. Sem falar nos ourives e relojoeiros que, de lembrança, vinham pôr á ilharga esquerda do templo, quando se entra, sempre com variado e rico sortido. Podia gastar uma fortuna quem fôsse rabaceiro ou amigo de doidejar. A Senhora d'Agosto era uma só entre o Douro e o Dão. •

— Não andas em tua sina, mulher! — disse a Zabana para Maria da Gloria.

— Tanta cara, tanto arruido fazem-me medo.

AQUILINO RIBEIRO.



Vencer!



into em mim o desêjo de vencer.

— Nas minhas mãos eu hei de enfim quebrar,

Nunt instante orgulhoso do meu ser,

Este destino que me quer levar...

A gente sofre enquanto quer sofrer

E é um cobarde quem não quer lutar!

Se a vida fez-se para se vencer,

Só é feliz quem sabe triunfar!

E, ó destino cruel, tu que me levas

Por esfa inconsciência, como em trevas,

De uma vida que mal amanheceu,

Hei-de esmagar-te ainda o teu segrêdo,

Naquêl dia de oiro em que eu, sem mêdo

Dos outros e de mim, quizer ser Eu!

JOSÉ REBELO.

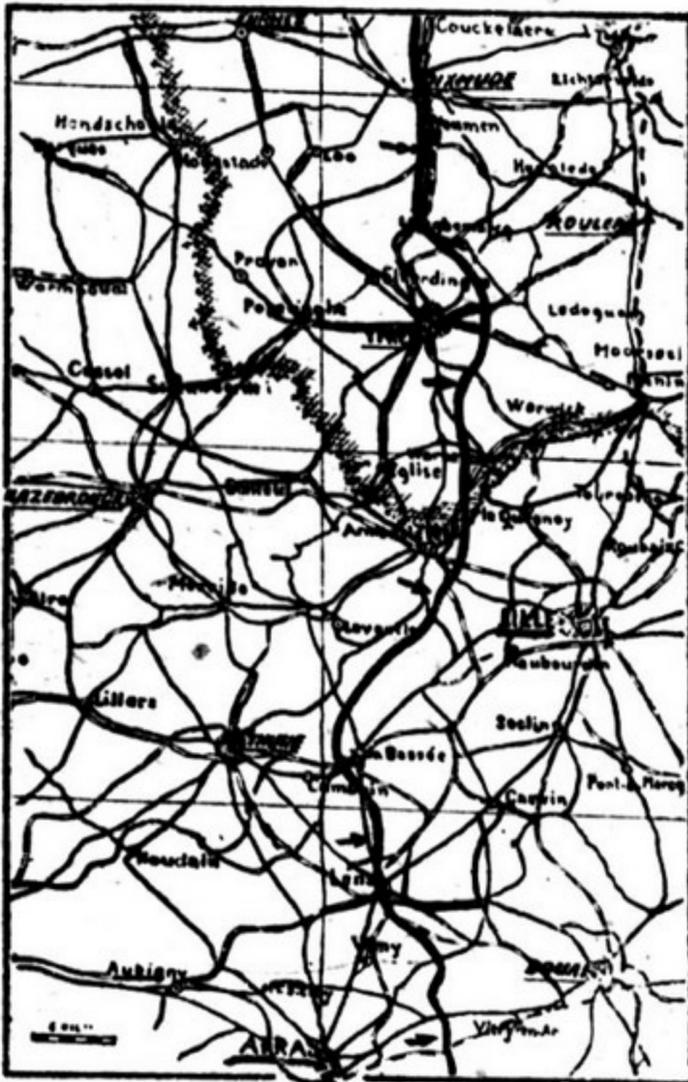
Sôbre a guerra

Pretende-se nestas ligeiras crônicas, como foi promessa nossa em o ultimo número, não só ir deixando o leitor ao facto de todas as fluctuações das varias frentes de batalha, mas ainda do que seja todo o estranho espectáculo da guerra de trincheiras.

Courage-se, pois, êste, de um pouco de curiosidade, muita alma, alguma perspicácia para conseguir adivinhar o que se não deve aqui dizer, e siga-nos... sem receio.

A parte o recente avanço dos inglezes de S. Quentin até alturas de Cambrai, precedido, não obstante, de um recuo italiano até proximo de Veneza, e á parte tambem ainda as sarrafuscas desastradissimas da

sob esperanças que não chegam, e outras tantas, quiçá maiores, de orfãosinhos e velhas mães que o desamparo veio tragar... Apenas... E quanto ao estado inestrincavel de maiores hostilidades ou aos cariciosos pronuncios duma ansiada paz... os aeroplanos de um e outro lado continuam atravessando, com a mesma intrepidez, as linhas que se enfrentam; as peças especiais, que os envolvem, sem nunca os atingir, continuam a marchetar o espaço das mesmas nuvensinhas brancas, ou das mesmas nuvensinhas escuras, segundo são de lá ou de cá os aeroplanos visados; as mesmas ordens secretas para bater tais e tais pontos, das tantas ás tantas horas, continuam a repetir, ininterruptos, os canhoneios brutais sôbre a infantaria das linhas ou sôbre as posições de baterias acaso descobertas; continua a suceder-se o mesmo atravessar contínuo, dia a dia, hora a hora, instante a instante, por sôbre a mesma passerelle ou o mesmo elemento de trincheira, onde fulanos e fulanos foram tombados, certa vez; continuam a subir nos mesmos sitios, para assestar os mesmos óculos colossais, sôbre os mesmos longes intermináveis, os mesmos «balões captivos», ou outros que substituam certo que foi incendiado; continuam debicando os mesmos traços de caminho, as mesmas metralhadoras perigosas; continuam os mesmos guarda-pêras¹ morosos a repetir, tarde a tarde, as mesmas viagens pachorrentas, e continúa a infantaria a pedir os mesmos «SOS»,² noite adiante, se o inimigo acaso avança... *Maiores hostilidades ou cessação de hostilidades*, são tudo termos de panfleto que raro constituem sciencia. Um termo único, enorme, que subsistirá sempre, mas que encontra-lo não ousâmos, será aquele em que se consiga exprimir, ao mesmo tempo, tamanho desbaratar contínuo de vidas e de energias!



Carta da região norte do «front» occidental, onde se encontram batalhando as tropas portuguesas. O traço mais negro, que desce de Dizmude até leste de Arras, representa a frente de batalha.

Russia, que a anemizam até ao extremo de ter que cessar hostilidades, — de lado estes accidentes, que bem se podem, talvez, qualificar de ligeiros, as noticias que sôbre a guerra hoje vos podemos apresentar teem o sublime condão, que já é alguma coisa, de serem ainda quâse integralmente as mesmas que se vos estivessemos escrevendo ha cêrca de meio ano. Apenas mais umas novas aluviões de milhares de esposas desoladas e noivas tristes abismando-se

¹ Alcinha que os soldados do «sector português» puzeram aos aeroplanos que vôm muito baixo.

² Iniciais das três palavras inglesas: Save Ours Souhs! (Salvae as nossas almas!).

Postas, porém, estas palavras, á imitação de exórdio, levemos conôscos o leitor á nossa viagem prometida... Mas é noite, são perigosos os caminhos,— é melhor não vir, é melhor...

A' noite é o factear quási incessante das metralhadoras, e os *very-lights*, ascendendo das linhas, lá á frente, abrem continuamente no escuro como um luar clarissimo. São eles que nos guíam. Alguns são via-lacteas alvissimas a prolongar-se até muito longe; outros constelações imensas mais belas que as do infinito!

A noite é a grande devastadora, a colossal devastadora. Para que se não vejam, na furia, os contendores de semelhante insânia, veda-lhes Deus os olhos e mete-os, então, frente a frente. Não são soldados, não, que ali se batem, horrorosos, são os espectros destemidos de duas raças colossais!... E', ainda, no escuro da noite, no mais escuro, que se galgam os parapeitos. As metralhadoras raivosas, caladas um momento, recrudescem de actividade, para de novo se calarem, e até os *very-lights*, tendo subido muito, como que descancam, também, para de novo reascenderem... Instante indescritivel, inenarravel, único, em que só os olhos falam e

o próprio menor ruido é um desmoronar enorme!...

Depois eles vão subindo, aparecendo, rastejando, farejando uma abertura, até sumirem-se no escuro...

Subir os parapeitos...

Jámais esqueceremos certa noite. O alferes perguntára, antes de sair, quais os que queriam acompanhá-lo. — «Rapazes, qual é o tezo?» Foram os mesmos, os de sempre. Já no arâme inimigo, reacordaram as metralhadoras. Sôbre as suas cabeças-ousadas, gloriosamente jovens, as balas davam a impressão de fustigadas serpentes. Uns silvos tão prefurantes, tão aguçados, tão sêcos!

«Não se mexam», — ruga o alferes.

E um morteiro enorme rebentava, seguido de muitos outros, estremecendo todo o campo, iluminando tudo aquilo num eétrugimento brutal!

— Impossivel!...

E voltaram, então, muito humilhados, páli-dos, quási curvadamente...

O inimigo persentira-os daquela estranha vez...

MATEUS MORENO.



Amor patrio

(AFONSO HENRIQUES)

A *Licínio Perdigão*



fundador da Patria Portuguesa
Foi um supremo genio da Vitória;
Guerreiro com bravura e com destreza,
Remotamente honrou a nossa historia.

Heroicidade cheia de nobreza,
As gerações respeitam-lhe a memoria,
O tempo não destroi tanta grandeza,
E' imortal a verdadeira glória!...

Alargando as fronteiras, o poder,
Da nova Patria, que a seus olhos brilha,
Quase renega quem lhe deu o ser.

Divisa um rumo só, radiosa trilha,
A que lhe impõe a honra e o dever:
Tambem a Patria é mãe... e sua filha.

Do livro *Sem norte*, no prelo.

CRUZ MAGALHÃES.

Toponimia algarvia

Na sua configuração e contextura patenteia a terra a sua própria historia de forma por vezes tão nitida que se nos afigura ter diante dos olhos uma verdadeira reprodução fotografica de toda a sua vida. Mas não é só a sua historia que ela nos revela; a dos seres que tem trazido no seu seio também lá se acha nesse grande livro que ela a todos abre mas que nem todos sabem ler nas suas minúcias. De formas descomunais ou de figura quasi microscópica, desde os mais antigos até aos mais modernos, todos ai inscreveram alguns caracteres. Entre os ultimos e dos que mais tem escrito sobresai, como era de esperar, o homem; infelizmente, porem, nem tudo quanto ai tem gravado nos atrai pela sua forma bela e sedutora, antes muito ha que só nos inspira repulsa e tédia. De cada um dos seus actos, por assim dizer, ela conserva a memoria aqui num monumento erecto, alem nas ruinas doutro, mais adiante em construções que nos significam a sua luta contra a natureza ou contra os seus semelhantes ou nos dão a conhecer uma das feições mais atraentes do seu espirito, a sua actividade artistica ou o seu labor mental. Dentre as varias formas porque este se manifesta, distingue-se como verdadeiramente genial a linguagem, que na simples reunião de alguns sons variados revela um trabalho de abstracção de tal modo pasmoso que tem havido quem a julgasse superior ás forças humanas e lhe desse portanto origem divina. Subjugado pelos varios aspectos porque os objectos se apresentavam aos seus olhos, o homem em geral impôs-lhes um nome consoante aquele que se lhe afigurava sobresair dentre todos, e isto, quer se tratasse da sua propria pessoa quer dos seres que o cercam. Destes ultimos destacam-se as denominações dos lugares por ele habitados, as quais tirou das circunstâncias variadas que os acompanhavam, aqui da configuração do terreno, ali de qualquer objecto que o distinguia e caracterizava, alem dos nomes dos seus proprietarios, etc. E, como estes tem variado no decorrer dos seculos, cedendo uns o lugar a outros, também por vezes dos lugares por eles habitados uns não resistido, conservando através dos tempos a sua existência com os seus nomes, outros tem desaparecido, levando consigo as antigas denominações, ou ainda mudado de local, conservando muito embora o antigo, e outros ainda nascendo pela primeira vez e recebendo portanto a respectiva denominação. Eis como na simpleza dos seus nomes a toponimia é uma verdadeira fita cinematografica que faz perpassar ante os nossos olhos povos de origem e civilizações diversas, com os seus costumes tão diferentes uns dos outros, e ainda as lutas havidas entre eles, de paz umas vezes, mas de odio na maioria delas. E' evidente que a do Algarve não se afasta da regra geral e que portanto contem também a historia a traços largos das fases por que o respectivo solo tem passado, conservando bem patentes os vestigios dos povos que o tem pisado. Numa situação verdadeiramente privilegiada, dotado dum clima que desconhece os gelos do inverno e os demasiados calores do verão, com um contraforte de montanhas ao norte, que é como uma barreira áqueles e a vastidão do Oceano ao sul a temperar o excesso que estes por vezes tendam a tomar, cortado por veios d'agua que raro chegam a inundar

os terrenos adjacentes e sempre fertilizam aquele por onde passam, coberto de abundante vegetação que em epocas remotas deve ter sido ainda mais espessa, ¹ tendo a beijar-lhe os pés um mar imenso em cujo azul dum pureza verdadeiramente cristalina se reflectem as suas costas, ora penhascosas e escarpadas, ora arenosas e planas, o territorio hoje conhecido pelo nome de Algarve deve ter convidado o homem a habitá-lo, logo após o seu aparecimento. Artefactos provenientes da sua industria aí encontrados dão d'isso testemunho, como nos atestam que aos primeiros habitantes se sucederam outros, atraídos sem duvida pela formosura da região, os quais suplantaram aqueles, sendo também por sua vez suplantados pelos que se lhes seguiram. De todos eles a sua toponímia deve conservar vestigios, mas enquanto noutros pontos do paiz é tarefa mais facil discriminar a proviniência de muitos nomes de lugares em razão dos documentos que nos revelam as suas formas variadas, a carência absoluta destes no Algarve impede-nos de seguir as suas evoluções e de descortinar a origem de muitos. Isso não obstante é incontestavel que a toponímia algarvia encerra nomes de origem primitiva, a iberica ², e, a par destes, outros conserva de proviniência evidentemente tanto romana como arábica. A longa estada destes ultimos povos naquela região explica o grande numero de denominações oriundas da sua lingua que ali se conservam, em quantidade relativamente maior que noutras provincias. Embora aqueles nomes primitivos tenham acompanhado a sorte das povoações a que pertenciam, como verdadeira propriedade, e ás quais portanto andavam ligados, desaparecendo com elas, alguns ficariam sem duvida, especialmente os que se applicavam a cousas de maior persistência e estabilidade do que os por vezes mesquinhos conjuntos de habitações; sobre tudo aqueles com que se designavam os cursos de agua é provavel que na sua maioria tenham mantido a sua primeira designação sem alteração sensível através os povos de linguas diferentes que tem estancia nas suas margens. Isto é tanto mais provavel quanto a muitos deles os arabes apenas prefixaram o nome *wadi*, que hoje soa *ode*, e significa *rio*, sem que alterassem aqueles, formando assim um composto no qual o primeiro termo exprime uma ideia geral e o segundo uma particular, ou o determinante e o determinado, por um processo idêntico ao que deu o substantivo *abestruz*. ³ Têm, pois, toda a aparência de ibéricos estes: *Ana*, *Leite*, *Louca*, *Seixe*, *Axere*, que ainda persistem, acompanhados daquele substantivo prefixo ⁴. E' possivel que, afora estes, outros existam, designativos de objectos em circunstancias de estabilidade idênticas, como são os montes. Mas os de povoações, esses na sua maioria desapareceram, um ou outro raro bastante terá resis-

¹ Disso dá testemunho o historiador latino Pompelo Trago, que depois resumiu Justino. cf. Dr. Leite de Vasconcelos, *Religiões da Lusitania* II, 8 e 9.

² Tomar esta palavra no sentido em que a empregavam os autores latinos, isto é, de povos anteriores aos romanos.

³ E' sabido que este nome se compõe de *avis* e *struthio*, ou seja de um latino e outro grêgo.

⁴ Talvez estejam no mesmocaso estes derribelas: *Toupaná*, *Vasão*.

tido; tanto isto é assim que dos poucos nomes transmitidos pelos romanos, como denominativos de localidades situadas no antigo *Cyneticum* apenas Sagres tem aparência de representar o velho (*promuntorium*) *sacrum* ou antes as (*cautes*) *sacrae*. Apesar de possuírem as mesmas sílabas iniciais, é duvidoso que os actuais nomes *Lagos* e *Portimão* sejam os modernos representantes dos antigos *Lac-cobriga* e *Portus Hannibalis*, que provavelmente morreram sem descendência, como aconteceu a *Ussonoba*, *Balsa* e *Baesuris*, em cujos assentos pouco mais ou menos hoje existem *Faro*, *Tavira* e *Castro Marim*, e ainda a *Conistorgis*, cuja identificação está por fazer.

Mas, se raros são os nomes que tenham a aparência de pertencerem a mais remota antiguidade, abundão os que accusam proveniência de povos e portanto de linguas mais proximas de nós, como são a romãna e árabe. A esta pertencem os apelidos assim de povoações como de sitios que em grande numero se encontram no Algarve, tais são entre outros: *Albardeira*, *Albufeira*, *Alcalá* ou *Alcalar*, *Alcantarilha*, *Alcaria*, *Alfarrobeira*, *Alferce*, *Algoz*, *Aljezur*, *Almádena*, *Arrifana*, *Atalaia*, *Azôia*, *Budens*, *Faro*, *Javaril*, *Loulé*, *Marrocos*, *Mesquita*, *Norinha*, *Tunis* e talvez tambem *Alcoutim*, *Alfambra*, *Algandar*, *Algibre*, *Alvor*, *Benafátima* (pop. *Banafata*), *Benafim* (pop. *Banafim*), *Bensafrim*¹ etc. A maioria destes nomes, como aliás succede em grande parte dos toponímicos, são na sua origem nomes comuns e essa acepção ainda alguns conservam na lingua, outros, como *Alcantarilha*, *Alcalar*, *Aljezur*, *Almádena*, etc., perderam já essa qualidade. As denominações de origem românica excedem em numero as ultimas, é assim tinha fatalmente de acontecer, dada a preponderancia em tempo da dominação da lingua de tal origem, a portuguesa. Muitas delas devem naturalmente coincidir com a formação desta, outras ter-se-hão criado no decorrer dos seculos, tiradas de circunstâncias varias. Entre estas sobresaem, como noutras partes, os vegetais, plantas ou arvores que nos respectivos sitios predominavam; estes só por si forneceram á nomenclatura um contingente superior a todos os demais. Com efeito deles tiram a sua origem, entre outros muitos, os seguintes nomes, já de povoações, já de logarejos e ainda de simples sitios ou propriedades: *Ameixieira*, *Ameixial*, *Amendoeira*, *Amoreira*, *Azinhosa*, *Azinhãl*, *Azinhão*, *Brunheiros*, *Corrascal* e *Carrasqueira*, *Carriçal*, *Carvalho* e *Carvalhal*, *Cebolar*, *Daroeira*, *Daroal* ou *Daroar* e *Aroal*, *Daroais*, *Esteveira*, *Esteval* e *Estevais*, *Feteira* ou *Afeteira*, *Figueira*, *Freixo*, *Funchal*, *Giesteira*, *Junqueira*, *Maceira*, *Malveiro*, *Medonheiro*, *Múrta* ou *Murteira*, *Murtunheira*, *Neveda*, *Palma*, *Palmal* ou *Palmar*, *Palmares*, *Panasqueira*, *Pereira* e *Pereiro*, *Peral*, *Pinheiro* e *Pinhal*, *Rosal*, *Seiceira* ou *Sinceira*, *Silveira*, *Sobreira* e *Sobral*, *Valeirinha*, *Vidigal*, *Zambujal*, *Zimbral*, *Zimbreira*,² etc. Originaram-se de construções existentes, já naturais, já preparadas pelo homem para seu abrigo ou dos animais que com eles conviviam,

os nomes de *Telheiro*, *Telhada*, *Cabanas*, *Casais*, *Malhada*, *Quintã* e as muitas *Cortes*, ou sós ou a acompanhadas do nome do antigo possuidor (— do *Gago*, — das *Donas*, — do *Neto*, — de *João Marques*, — de *João Velho*, — de *Pero Porteiro*, etc., e ainda nos diminutivos *Cortelha*, *Cortinhola*, etc.; outros dão a conhecer que nos lugares respectivos abundava ou chamava a atenção pela sua côr a *Pedra Branca*, *Pedralva* ou ainda *Peralva*¹; as nascentes, de tão grande utilidade e apreço, sobretudo onde a agua escasseia ou tem mostrado possuir qualidades terapêuticas, donde a sua veneração, que se manifesta no apelido de *santas* que algumas conservam, resto de antigo culto, são indicadas pelas *Fontes* e *Fontainhas*; mostram claramente as *Ombrias* ou *Umorias* que os sitios assim denominados se não encontram expostos á luz do sol, etc. Do processo tão frequente na toponímia do norte de designar o local pelo nome de um antigo proprietario ou habitante illustre, poucos vestigios se encontram na do Sul; parecem ter alguma relação com ele os provenientes de nomes de pessoas, como estes arabicos: *Budens*, *Fatema*, *Faro* e tambem *Paderne*², que se me afigura um genitivo do nome romano *Paternus*. Pela inspecção e exame, pois, dos nomes de localidades se desvenda o nosso passado, e o misterio em que ele se achava envolto vai desaparecendo a pouco e pouco ante o progresso da sciência, as lendas e mitos que acompanhavam muitos deles fogem espavoridos ante a luz que, cada vez mais intensa, incide sobre eles; numa palavra, os produtos singelos da imaginação popular são impiedosamente destruidos pelos descendentes, não sei se mais felizes ou se antes mais desventurados, dos que os criaram depois de terem embalado tantas gerações que nelles depositavam toda a sua crença e confiança. Não se julgue, porem, que é sempre facil tarefa descobrir a proveniência dos nomes de localidades e decifrar a sua significação; se a etimologia dos nomes comuns oferece por vezes dificuldades insuperáveis, muito mais os proprios, que não raro tem relação com factos, usos e outras causas que, nos são completamente desconhecidas; é só por tentativas que por vezes se chega áquele resultado e ainda assim nem sempre essas tentativas são coroadas de bom êxito, sobretudo quando se ignoram as formas que precederam as actuais, o que, como dissemos, se dá em geral com a toponímia algarvia. Em todos os tempos um tal estudo tem despertado a curiosidade dos investigadores; gregos e romanos já dele se occuparam, mas por falta de bases seguras os seus esforços falharam por completo na maioria dos casos, e só agora a sciencia filológica tem conseguido desfazer algumas das malhas dessa teia bastante emaranhada. Com as explicações que demos nada mais fizemos do que levantar uma ponta do espesso véu que envolve a toponímia do Algarve, escolhendo apenas aqueles nomes cuja origem é intuitiva, sem contudo entrarmos em pormenores scientificos, porque isso não só nos levaria muito tempo senão tambem destoaria do caracter desta publicação.

J. J. NUNES.

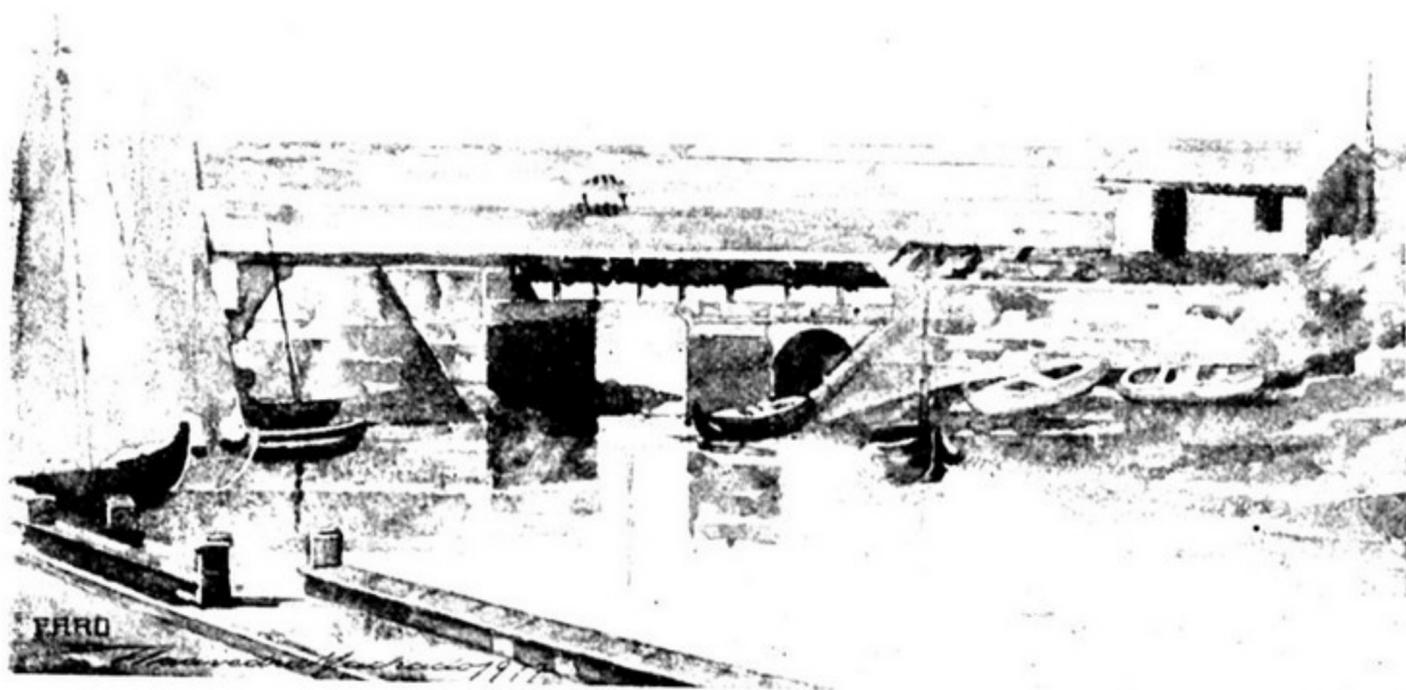
¹ Podem vêr-se quasi todos estes nomes na *Toponímia arabe de Portugal* do dr. David Lopes. Fazemos os mais ardentes votos por que o erudito professor e distincto arabista nos dê muito em breve a continuação, complemento do tão interessante trabalho.

² Destes nomes um ou outro haverá cujo étimo não seja romano, a maioria tem comtudo esta proveniência.

¹ Dr. Leite de Vasconcelos *Rev. Lusit.* XVI, 172.

² Os nomes aqui citados podem ver-se em qualquer mapa corografico da provincia e na *corografia* de J. H. Baptista.





PONTE SOBRE A RIA



TRECHO DA ESTAÇÃO (Parte Sul)

Prophecia-Malabar

O menino todo graça,
Que em mim outr'ora existia
E este adulto que hoje passa...
E esse velhinho de um dia,

Em mysterioso logar,
Creio bem que alguma vez
Haverão de se encontrar
Reunidos todos trez!

Porque detraz d'esse muro...
Para lá do meu cuidado,
Não haverá nem passado,
Nem presente, nem futuro!

E então ai! com que carinho,
Com que ternura e consolo,
O adulto, n'esse logar,
Se ha-de ver, menino, ao collo
De si proprio já velhinho,
Comsigo mesmo a brincar!

1918.

Inédito do livro em preparação
O Mundo dos meus Bonitos

AUGUSTO DE SANTA-RITA.



AS FAIAS

Ao sr. dr. Henrique Jardim de Vilhena

I

Aquela pobre mãe enviuvára ainda muito nova.

Depois dos desgostos e das privações, veio mais a doença do José.

E ficaria a desgraça por aí?

A morte do marido surpreendeu os restos d'aquela beleza, que pertencera, toda, ao seu José, que uma vez a fôra buscar ainda creança aos brinquedos maternos, para a levar para o leito conjugal.

E a pobre creança, deixou assim os brinquedos, para tratar do marido, e n'uma madrugada de abril perdeu o marido, para cuidar do futuro dos orfãos...

II

E nunca ninguém mais a viu pensar noutra coisa.

Na primavera, refluíam as ervinhas e os campos revestiam-se das galas da natureza, que o sol do estio e o vento do outono depois tornavam a secar. E no inverno, ao canto da lareira, ouvia todos os anos da mesma fôrma, zunir lá fôra a tempestade e aconchegava, da mesma fôrma, ao peito materno os filhinhos orfãos do seu paesinho.

E assim passavam e tornavam a passar os anos!

E não se tratava dessas almas simples, que a natureza consente... — para exemplo dos fracos.

Como não havia de ela detestar a vida, de que só conhecia os espinhos e o lado mau?

Que inferno!

E como descreia de tudo, se não fossem os filhos, já teria dado um tiro no coração.

D'essa felicidade quimerica, que toda a gente conhece dos folhetins dos jornaes e dos romances de capa de boneca encarnada, em que figuram deleites suaves, brandas miragens, fantasias adoraveis e devaneios encantadores, com horizontes ilimitados, e onde os heroes traçam a vida como quem muda de camisa ou escolhe *toilette*, e vencem os obstaculos como os bons cavalos de corrida, e se deitam no fim a descansar do trabalho dos capitulos anteriores, — nem ela se lembrava já, a pobrezita, no seu luto eterno, só condenada a conhecer e a sofrer o lado mau das coisas tristes deste mundo.

III

Ora uma vez, quando eram noivos, tinham ido lá em baixo, á vargem, acolá, ao pé da ribeira, junto ao pego fundo, onde os freixos são mais frondosos e a herva mais exuberante.

O sol doirava a paisagem, e ela ia encostada ao ombro do José, meigamente, e ele revia-se no espelho virgem daqueles olhos negros e lia ali tambem o fino encanto duma alma dedicada e pura, onde não desabrochava um sentimento mau...

Sentaram-se á margem do ribeiro, e o José começou a gravar na casca rija e esbranquiçada duma bela faia, tão frondosa que a sua sombra envolvia lá em cima a choupana do pastor, as iniciaes do nome da companheira querida.

A branda viração, agitando ao sol a ramagem pardacenta, dava-lhe tonalidades doiradas, e ela — recordava-se tão bem! — rasgou fundo a casca da arvore e enlaçou na sua letra, que o José gravára, um J que havia de resistir a tudo, como o seu amor.

E os rouxinões cantavam na ramagem prateada...

IV

Numa tarde de outono, o vento lançava sobre aquela viuva precocemente envelhecida, as folhas secas que caíam da velha arvore, agora esburacada e carunchosa...

Ela quizera recordar o unico encanto de toda a sua vida, e fôra até ali, envolta no luto do seu corpo, que era como se já não existisse...

Mas o tempo, que tudo apaga e tudo estingue, na sua maldade perversa, envelhecera tambem a frondosa arvore, e ferira de tal forma e enrugára tanto aquela casca que fôra esbranquiçada e rija, que nem já se conhecia onde teriam estado as iniciaes enterlaçadas...

Então, pareceu-lhe ver ali ao lado, como outr'ora, o seu noivo, a contempla-la, e dos olhos secos daquela pobre viuva, rolaram duas grossas lagrimas, que deixaram na face amarelada e no corpete negro um rasto luminoso.

E' que o coração humano ainda resiste mais á acção do tempo que o tronco das grandes arvores...

30-1-918.

ANTONIO RITA-MARTINS.

ARTISTAS DE PORTUGAL

SUBSÍDIOS PARA A HISTÓRIA DA ○ ○ ○ ○

○ ○ ARTE PORTUGUESA CONTEMPORANEA

○ ○ ○ (ANÁLISE, CRÍTICA E BIOGRAPHIA) ○ ○ ○

III

Armando de Lucena



Entre os moços pintores de Portugal desenvolve-se ha anos um germen de pintura de paisagem. Vem do impulso, mais romantico do que empreendedor de Silva Porto, já hoje comumente reconhecido o iniciador. Na Sociedade que sob o nome d'ele se formou, continuou Carlos Reis o ensino, que teve mais de emoção do mestre do que na realidade aproveitamento de discipulos.

Armando de Lucena conseguiu entre os seus companheiros paisagistas um lugar de vulto. E' estudioso na sua arte, e procura mais alguma coisa na emoção da natureza, não se conformando com os limitados horizontes que ao espirito lhe possa dar a mão firme e acurada de pintor.¹

Não escondo a minha simpatia por esses espiritos que se disciplinam á regra sagrada do seu sangue. Por isso me surpreende o pintor que pinta Portugal. Armando de Lucena é neste criterio um artista nacionalizado, e por seu desenvolvimento e expansão será também um pintor nacionalizante. Sente a sua vida dentro da sua terra. Encanta-se da luz dos poentes com as cores de saudade virginal, da suavidade serena das manhãs, das tragedias dos nevoeiros; e, pintor da natureza, que como o dramaturgo



ARMANDO DE LUCENA

só deve de ter o estilo que a sua obra lhe impõe, vae sobre a predilecção eleita das côres de magoa, buscar a luz vibrante do sol em todas as estações, onde a côr é côr. As planicies alentejanas, as serranias do Norte, com a azinheira do Sul simbolica da raça, e os pinheiros esguios, formados como turba de velhos granadeiros lá para cima, tem nele o seu pintor de raça. A paisagem d'ele traduz bem a sua emoção, que nos transmite; e consegue chamar-nos o espirito para os minúsculos ou indecisos pormenores da natureza, iluminados com precisão, como no moderno teatro russo vae a luz incidir no lugar essencial do scenario fantastico.

Ramalho Ortigão foi na sensação da paisagem um fauno de talento literario, como Fialho, como Eça o viria a ser; dos três, o espirito superior era Ramalho, mais lucido, mais calmo, bem mais português. Recordo-me sempre da chamada aos artistas no *Culto da Arte em Portugal*; e num artigo de estudo de Malhã, nos *Serões*, recordava a suprema perfeição que um critico francês attribuia ao paisagista, que era conhecer-se pelo quadro a estação e a hora da paisagem. Armando de Lucena aproxima-se d'esse estalão tecnico.

LUÍS CHAVES.

ESTUDO BIOGRÁFICO

Armando de Lucena nasceu a 23 de Agosto de 1886 em Sernancêlhe, terra que, no dizer do artista «é tão sombria e pesada como a nostalgica évocação que ella lhe traz á sua memoria de contemplativo.»

O pintor é filho de José Coutinho Freire de Lucena e de D. Maria Freire de Lucena.

¹ Querendo fazer mais do que pintura, e fugir á classificação de «artista igual a ignorante chapado», A. de Lucena estuda e é conferente. Realizou uma conferencia de «Filosofia da Arte», no Ateneu Commercial, em 1909; de «Platão na Arte e no Amor», no mesmo edificio, em 1910; «Cultura estetica em Portugal», na Sociedade Nacional de Belas Artes, em 1914.

Numa das longas cartas que possuo devida á velha amizade e camaradagem do mais original e fecundo dos modernos paisagistas portugueses, evoca elle as suas primeiras vibrações de arte, então confusas e latentes.

Vêmo-lo com uns dez anos de calção e collegio, em Figueiró dos Vinhos, onde observou «os quadros de mestre Malhã, bem sugestivos, a sairem da forja.»

O joven Lucena sentia-os nêsse tempo sem os poder compreender e o mestre passava a ser na sua imaginação uma coisa intangivel e veneravel. — A pintura! — E a palavra começava a ter significado. Não era a côr que ilude a retina inconsciente da criança; não era a semelhança dos modelos que ella conhecia; não era mesmo a évocação do novo para os seus olhos, não; mas uma estranha baralhada

dos sentidos que não conseguia assimilar e que hoje, longos anos volvidos, nos explica sorrindo com nítida consciencia.

Num certo dia o grande pintor Malhoda disse ao pae de Lucena que poderia ser aproveitavel a paixão do rapazito. E, aceite o parecer do mestre, Lucena, que nesse tempo contava apenas 13 anos de idade, foi remetido numa carruagem de segunda para Lisboa, onde, pela mão do velho Simões, o seu nome ficava inscrito nos livros de matricula do velho casarão de S. Francisco.

Dera entrada na Escola de Belas Artes.

Por trazerem pessoalmente ao autor destes subsídios as mais gratas recordações, e, tambem, principalmente, por as julgar dignas de interesse para os que estudam tudo que se relacione com os nossos pintores novos de maior valor, não devo deixar de transcrever neste logar algumas passagens duma carta do artista onde ele faz, entre outros depoimentos, alguns curiosissimos referentes á sua vida de estudante; assim ele diz:

« e a essa circumstancia devo eu o ter-te conhecido e pactuarmos uma amizade que por mais velha que se torne não diminuirá. E já lá vão quantos, meu caro Machado? Desesete anos! Desesete! E nenhum de nós é velho, co'a bréca. Tu, depois de alguns anos de Escola, emigraste. Até essa altura sabes bem o que eu fui; um garoto com faculdades vulgares. Depois, para variar, correram as coisas por um nivel semelhante. Creio mesmo que fui um mau estudante; nunca fui laureado; o meu peito é de uma aridez desoladora quanto áquelas hypotheticas medalhas da Escola. Coisas que, devo dizer-te, nunca vi em carne e osso. De uma vez premiará-me com uma de bronze; ouvi falar disso mas devia ter sido por engano. Passou-se no curso geral.»

E jucosamente assim continua a expressar-se o nosso inconfundivel paisagista, hoje considerado, justamente, como um dos mais notaveis pintores da geração moderna.

Armando de Lucena expoz pela primeira vez nas salas da Academia em 1910 quando frequentava o segundo ano do Curso Especial da Escola. Despediu-se de cerca de metade dos 20 trabalhos expostos.

Expoz seguidamente em 1911 no mesmo local, onde levou os seguintes quadros:

*Lusco-fusco**, *Eira da Beira*, *Neblina**, *Egreja militar de Leiria* (fragmento), *Verduras*, *Entardecer**, *Pinheiros Mansos**, *Outono**, *O Tavora*, *Pinheiros*, *Uma casa na Beira*, *Pinhal*, *Cabeça de criança* (apontamento), *Crisantemos*, *Crepusculo**, *Paisagem d'Inverno**, *Liz e Margens**.

Em 1912 expunha no Salão da Ilustração Portuguesa os seguintes quadros:

Entre a cevada, *Sol tardio**, *Olival*, *Outono*, *Oliveiras*, *Rua*, *Eucaliptos*, *Dia de chuva*, *Os ulmeiros*, *Amanhecer*, *Apontamento*, *Recanto**.

Em 1913 realizava a sua primeira Exposição pessoal no Salão Piccadilly onde expunha 27 quadros com os titulos:

Os suínos, *Crepusculo**, *Tarde calma**, *Folhas secas**, *Choupos ao vento**, *Sol doirado**, *Monte alentejano*, *O vento**, *Aldeia ao poente**, *Campos e cam-*

*pos**, *Manhã*, *Azinhellos no Outono*, *Eucaliptos*, *Ao pôr-do-sol**, *Eira da Beira*, *Dia de sombra**, *Solo de Alentejo*, *Ar de chuva**, *Rua d'Aldeia*, *Paisagem de Setembro**, *Ponte romana*, *Beira*, *Oliveiras*, *Alto d'um serro*, *Cair da tarde**, *Cigana*, *Pinheiros*, *Azinhellos**.

Em 1914 voltava a expôr no Salão da Ilustração Portuguesa os seguintes quadros:

Manhã no Jamôr, *Ruinas**, *Flores d'outono*, *A Fonte da quinta**, *Natureza morta*, *Recanto florido**, *O pó da estrada*, *Natureza morta*, *Uma aldeia*, *Efeito da tarde**, *Serros em sombra*, *Terreno florido*, *Caminho*, *Natureza morta*.

Na Exposição da Sociedade Nacional de Belas Artes no mesmo ano expunha:

Uma aldeia, A ceira, *Efeito da tarde*, *Serros em sombra*, *Campo florido*, *Tarde doutono**, *Caminhos*.

Na Exposição da Sociedade em 1917 expunha:

*Tarde de chuva**, *Arvores em flor**, *Montado alentejano*, *Sol doirado**, *Lisboa antiga**, *Entardecer d'inverno**, *Depois da trovoad**, *Paisagem d'inverno**.

Em 1915 fez no Salão Bobone uma nova exposição de trabalhos seus. Eis os titulos:

*Milheiral**, *Manhã no Cabrito**, *Névoa**, *Pinheiros*, *Herdade**, *Amanhecer* (contra-luz), *Poeira do rebanho*, *Tarde*, *Nevoeiro e chuva**, *Oliveiras velhas**, (contra-luz), *Vindimeiras cozinhando*, *Nevoeiro cerrado*, *Descamisada* (impressão), *Cebolas*, *Maçrugada*, *Uma velha olaria**, *O Tejo em Abrantes*, *O Pôr-do-Sol**, *A casa dos oleiros**, *Entardecer**, *Sol-posto**, *Os oleiros*, *Poeira*, *Poente na aldeia**, *Margens do Jamôr*, *Couve*, *O Alentejo*, *Primavera**, *Serros em sombra*, *Arredores do Escoural*, *Recanto*, *Manhã*, *Ultimos raios de sol*, *Sobre-meza*.

Finalmente, em 1916, na Exposição da Alma Nova, expôs os seguintes quadros:

Entre As vindimeiras, *Alentejo*, *Nevoeiro*, *Descamisada*, *Natureza morta**, *Poente*, *Natureza morta*, *Serros em sombra*, *Pinheiros*.

Nota - O asterisco indica os quadros vendidos.

Pelo trabalho até hoje realizado e pela inconfundivel personalidade que nele revela, Lucena é o mais extraordinario paisagista da geração nova.

Ninguém, como o grande artista sabe interpretar melhor o campo isolado, os grandes horisontes, as planicies escalvadas frôuxas de luz e de detalhes.

As horas indecisas, a indeterminação vaga do nosso Alentejo alheio de arrebiques naturaes mas grande na imensidade profunda do seu vasio tem no meu querido paisagista o seu mais fiel interprete.

Talvez por tudo isto é que Lucena detesta a famigerada Ribeira de Algés e a tola poesia de Sintra. Ama a Beira, sua terra, o que é uma qualidade de que nem todos os portugueses se orgulham.

O pintor é dos nossos artistas novos um dos que tem maior cultura intelectual, e eis aqui um caso para registrar, atendendo a que a maioria dos cultores de Arte, cá no paiz, desprezam quasi sempre a cultura do espirito tão embebidos andam nas «re-

ceitas» do seu «metier» e de nada mais desejando saber...

Tem realizado o artista algumas conferencias publicas sobre temas de Arte: — A primeira no Ateneu Commercial em 1909 sobre o tema «Filosofia da Arte»; a segunda no mesmo edificio, em 1910, sobre «Platão na Arte e no Amor»; a terceira na Sociedade Nacional de Belas Artes, em 1914, sobre «a cultura Estetica em Portugal».

Tráz tambem, entre mãos, um trabalho de aproximada feição, que será uma «Historia Geral da Arte» acompanhada dum esboço critico.

Registo nêsse empreendimento a colaboração de Armando da Silva, que o artista considera um grande novo.

Lucena leu ainda os tratadistas de côr, como Chevreul e outros.

Com uma bagagem artistica avultada e escolhida, só lamento que o artista tenha pintado autenticas preciosidades em pedaços do mais reles cartão que o tempo facilmente inutilizará. E ainda bem que nem todas as suas pinturas assentam sobre bases de tamanha... fraqueza.

No passado ano, na Exposição realisada pela Sociedade Nacional de Belas Artes, o Estado adquiriu ao pintor, para o Museu de Arte Contemporanea os quadros: *Tarde de chuva* e *Paisagem de inverno*, e a Camara Municipal o quadro: *Lisboa antiga*.

Embora ha mais tempo devessem ser feitas algumas aquisições de quadros de Lucena elas só honram, no entanto, quem as fez.

Quando penso nêste caso, ao qual o temperamento do pintor não ligou por certo importancia de maior, mais uma vez me convenço de que nesta nossa boa terra tarde ou nunca se presta justiça a

quem a merece. E recordo um novo periodo da carta do artista querido, o qual, pela razão do seu desprendimento, nem por isso deixa de conhecer razoavelmente os homens.

— «Estou cansado das injustiças humanas e dá-me vontade de rir quando leio um grande láudatorio á primeira nulidade com que se depare na rua do Arsenal.

Hoje, e tu bem o sabes, é-se facilmente um grande senhor logo que haja o espirito metediço e videiro da gente de agora. Isso repugna-me, a menos que uma alma sincera e que de longes tempos, abra ao mesmo tempo o coração e o cerebro. Por isso, e só por isso, meu caro Machado, velho camarada, legitimo companheiro de ilusões e de trabalho, te virei dizer como me fiz, depois daquêl interregno da nossa convivencia que me pesa e sinto com tristeza.»

E não nos faz velhos semelhante tristeza! Quando recordamos o Passado parece que rejuvenescemos para a lucta.

E quantas vezes, brancos os cabelos, a alma ainda nos canta e ri? Quantas?

Pelas qualidades affectivas do seu temperamento e pela arte bem portugêsa e verdadeiramente sentida que produz, Lucena triunfou.

Não tenho dêsse facto a menor duvida.

E a razão desse triunfo está hoje bem patente em qualquer dos seus quadros:—São todos os dum inconfundivel artista. São dêle.

J. SAAVEDRA MACHADO.

Segue-se o estudo do pintor Evaristo Alves Catalão.



A uma bôca que é um coração....

Florindo em rúbro botão,
 fonte viva de carinhos,
 a tua bôca de santa
 fórma ao alto dois arquinhos...
 Alargam-se estes, e fecham,
 em tão sábia proporção,
 que ela toma, graciosa,
 a fórma dum coração...
 E assim, enquanto, a falar
 ábres a bôca inocente,
 é o coração que tu ábres,
 a mostrá-lo a toda a gente!

BERNARDO DE PASSOS.



(Desenho de Sáveira Machado)

LIVROS

A *Via Sinuosa* com que o sr. Aquilino Ribeiro era ha longo tempo esperádo, — desde 1913, com a publicação do seu *Jardim das Tormentas*, — vem demonstrar que o genero conto, pelo qual neste volume manifestára preferencia, o saciára, preferindo o romance. E esta sua preferencia é grandemente aplaudível na pasmaceira pascacia em que as letras patrias vão caindo enroupadas na mediocridade abandalhada que ao livro apoquentá, porque o livro, o livro português sobretudo é, de ha uns anos a esta parte e salvo raras excepções que mais não fazem do que apoiar a regra, — o simples reunir de umas dezenas de crónicas chinfrins que o jornalista compila e faz sair, ganhando uns suados cem mil réis ao editor, importunando o primeiro cartazista apparecido com a incumbencia de uma capa que embrulhe compensadoramente a obra e expoliando-nos a todos nós. Literatos vegetam p'rái que recalcam nos vasa-doiros da alma os derradeiros sintomas de sarampo lirico das leituras do Soares de Passos, — á mingua de autores francezes cuja lingua lhes não foi consentida na mestra em posse plena, — e armam em cinicos. Cinisino é oportunismo. Fazem-se maus, vomitam tres blasfemias de imoralidade que pediram de emprestimo ao galego numa noite de'sucia e bebedeira, armam o reclame dos amigos e ei-l'os em publicidade. A Publicidade entre nós é uma safada: abre as portas e a alcova a quem disponha de concubos p'ra pagar uma edição. O elogio, dá-se.

De resto o romance caminha de dia p'ra dia em acentuada decadencia. Não ha quem o faça e os poucos que a tal se abalançam, fazem-n'lo mal. Moldes modernos são desconhecidos e um personalismo original e genial que os substituisse, está-se nas tintas p'ra vir brotar nos bestuntos de sendeiros que nem para suportar-lhe o triunfo. — já não dizemos p'ra vencer, — se sentem fortes. Mendigámos.

Nascido da revolução liberal do romantismo, subiu, num austo, até ao realismo e aos seus últimos exagêros. Algumas suas características foram exploradas por literatos expeculativos, no mau sentido da palavra, — que para acquiescerem ao paladar alarve e indecentão do vulgo esqueceram as demais conjuntas, — as honestas e as não dissolventes.

Em Portugal viu-se muito disto: conhecem-se paginas do Eça.

Quando lá fóra Bourget, Brunetiere e outros mais de nomeada, conclamavam contra a preocupação de um espirito scientifico grosseiro dominante na Escola, entre nós o realismo ia em seu auge. Cansou tambem; cansamo-nos tambem nós, — talvez com

mais verdade. Explorou-se a cronica e o conto. A babilagem amoruda enlanguesceu em volumes de serodia nascença. Gramámo-los. O *oiro do Brazil* do Sr. Seabra e o *Barão de Lavos* do Sr. Botelho, marcaram como modelos. Num reino de cegos, está bem. —

Aparece agora o volume do Sr. Aquilino Ribeiro. O que é ele?

E' a descrição dos primeiros vinte e tal anos de um Liborio, — talhado a modos de um Padre Amaro sertanejo e fandanguero; em menino, devoto, em adolescente despuçelador de quantas lhe caiam sob a garra, a tal ponto que «até pelo telhado ia ter com as femeas», no dizer de sua mãe, a Senhora Maria das Dores, mulher de «genio assomadiço» que cuidava das roupas da Igreja onde habitavam, ela, o seu frascario rebento e seu homem «o velho amigo» dos conegos, Luiz Barradas, um que só tinha por de seu os caminhos e era «solerte recoveiro para eclesiasticos e gente rica», de cujas recovagens vinha «o melhor provento para a familia, em gorjetas e alquilés.»

A par desta sociedade cigana em moralidades, a familia dos Violas, «lazarentos e moicanos», casa a tres com o Cupertino da Vila; Pae de «castuda epiderme», mãe safada, dois filhos pulhas, uma filha no fado e uma segunda, Celidonia, *for no monturo*, — passe a parvalheira roubada ao mais espiritual que se encontra nos *chroniqueurs* contemporaneos, — que será a necessaria apaixonada de Liborio amigo.

Para representação da classe nobre, uns taes Malafaias em que só as femeas teem tendencias faias, porque os maridos, zoologicamente, não passam de cucos.

Finalmente um Padre Ambrozio, Mestre de Liborio, — tocado de um javertismo mais humano, mais carinhosamente terra a terra que o do heroe huguesco, sem a sua brutalidade idealista, Homem e não Simbolo, mui sabio em seus dizeres e que embora «eclesiastico d'aldeia, «tinha as maneiras bizarras duma personagem de Curia.»

Mais uns penduricalhos de accessorio e eis tudo.

A acção, limitada a um periodo muito restricto da vida duma creatura é bem deduzida, serena, lucidamente exposta, tocada por mão de mestre. Embora aqui e alem se abuse de artificios exploraveis numa critica de accinte, como seja o facto de algumas personagens sonharem e escutarem ás portas em demasia, não ha duvida que se mantem á altura do belo pulso que a orientou; é cheia de verdade, é profundamente compreendida e sentida e, sendo dos menos arbitrarios elementos da composição de um livro, a nota de subjectividade marca-se ali, num acentuado vinco de personalismo que, só por si, dignificaria o autor.

Os personagens vimo-l'os. Sem grandes exten-

daes biographicos á Zola, onde parece traduzir-se a preocupação lombrozêsca de procurar ancestralidades. — aparecem-nos desenhados a amplos traços; alguns com aquela realidade quasi dolorosa das telas de Simon; outros por entre um enevoado em que ha algo de Carriere e muito da Verdade de Manet. Descobre-se em Aquilino Ribeiro, a marca do muito que viu e observou em assuntos de critica artistica. No esboçar de seus personagens, ha por vezes, detalhes técnicos que lembram preocupações de pintor. Prefere-se a tudo a publicação do «caracter.» Por isso travamos conhecimento com os comparsas desta *Via Sinuosa* com facilidades de velhos conhecimentos. Suas descrições são intuitivas; quasi desenhadas. Apreendem-se com um simples relance d'olhos.

E vejamos a composição. Larga, forte, franca, naquella velha prosa portugueza em que ha cantantes de Bernardes e popularismos que até agora só usára o maior dos escritores que conheço: o Povo amigo. Predominantemente narrativa, sem os abusos estupantes de descrição que caracterisaram os primeiros moldes do romance do romantismo; sem a preocupação de inventariar interiores do realismo; ou a de fazer retratos, de Balzac, — toda ella se afasta das paginas do livro e se põe a viver, como em teatro, as atitudes que seu autor lhe imprime. O descritivo é bizarramente forte. Vejam-se as paginas narrativas da profanação de velhos manuscritos a que Celidonia e Liborio vão arrancar iluminuras, num furor selvagem de inocentes, — paginas que arripiam os cabelos, só por se imaginarem possiveis, aos que sofrem da sagrada doença que os faz chamar bibliomanos! Aqui e alem paisagens de um aquarelesco, harmoniosissimo de cores, bruto de realidade. Numa síntese, repetindo palavras que ainda ha dias escrevêra sobre uma verrina de Ricardo Jorge: «é uma obra escrita em português, e não expropriou para debiqueirice da opinião publica» as patacuadas rendilhadas de uns delambidos século-dezoitários da fraldiqueiragem lirica nacional.

Este o romance.

Vejamos o auctor. — De longa data, muito anteriormente a 1913, o Sr. Aquilino Ribeiro faz-se conhecer por uma serie de artigos que publicou avulsamente com impressões sobre artistas nacionaes e estrangeiros.

Em 1913, com o *Jardim das Tormentas* prefaciado pelo sr. Malheiro Dias, — entrou estreitamente na vida literaria. Impoz-se. Chegou e deu-se a conhecer. Não venceu; na vida não se vence em geral com a primeira obra exposta. Deixou aviso de que era um dos raros que vinha para ficar e impôr-se. Este seu ultimo romance, que não é o definitivo na sua carreira de literato, dá-nos a garantia de que o teremos a explorar assuntos portuguezes, numa linguagem de um eloquente e vernaculo popularismo. *O Arraial*, que neste mesmo numero da *Alma Nova* publicamos, acentua ainda mais a preferencia do plebeismo na construcção da frase. Vê-se que para bem da lingua que nos ensinaram a falar nossos paes e avós e os mestres afrancezaram, se vae ponço de parte a preocupação de que é falar mal, falar como o Povo.

Ele é o unico Bem-falante. E todos os demais que lhe falcatruam as palavras para se ampararem a denguiques de alcova lirica, proclamando delicadezas de frase e nojos homosexuaes por discursos espontaneos, e viris, são meninos de coro nas letras, faldetes amaneirados, *castrati* de talento, — patetas em português.

Nesta charnéca maninha de obras sérias de sciencia, onde os tortulhos teem honras de rosa, e as estevas sobem a ponto de plantas grandemente ornamentaes; nesta sequidão pinderica de trabalhos de cunho, veio abrir-se em destaque a ultima obra do Sr. Geraldino de Brites — *Clima do Algarve* — *O Inverno*, — em cujo prefacio o Dr. Silva Telles faz o elogio maximo do auctor ao anotar com

justiça, que «são rarissimos em Portugal os trabalhos scientificos tão bem documentados como este». E tem razão.

O estudo do Dr. Geraldino de Brites, que não é um aglomerado verborreico de palanfrario, temperadinho com finezas estilisticas que ponham bajojas as ganas do leitor que só de farfalhices em dantêsco estilo viva, denota um tão porfiado e demorado labôr, tanto afinco, tanto arquivar de conhecimentos, tanto e tanto tempo empregado num estudo sem tréguas e sobre escabrosos materiaes, que ficamos na arreigada convicção de que Geraldino de Brites é um dos mais atinados espiritos scientificos que lá de quando em quando, como flôr em

cactus, põem as suas inteligencias a uso, perante a tacanhês e indiferença do Zé que paga e do Zé que lê, e vão arroteando aqui e alem, nos mais variados campos de sciencia, essa apregoada charnéca maninha em obras de meditado cunho scientifico, que as mentes de alguns patriotas elevam ao calibre de cuidada horta, para apregoarem aos quatro ventos as maravilhas de uns genios que, no sabôr e no volume, — no proprio «enchido» do bestunto, — não passam, para quem quér, vêr, de uns raios de uns mal creados repoulhos.

E emquanto estes, de *forceps* em punho põem as bossas partejando e soltam gritos para expectação do mundo, que afinal só vê nascerem ratos, Geraldino de Brites na quietação e no recatado isolamento do seu gabinete de estudo realisa uma obra que é já vastissima e que acaba de emancipar-se definitivamente com a publicação do *Clima do Algarve*. *O Inverno*, o «primeiro livro que no nosso paiz se publica sobre climatologia regional», — di-lo ainda o dr. Silva Telles

Pedro de Menêzes publica mais um livro de Poemas, — *Mais Alto*, — em que predominam os Sonetos, — tocados em geral pelo mesmo ritmico e florentino cinzel que as suas anteriores produções literarias já demonstraram.

São ainda poemas simbolistas, onde se encontra um pouco dessa imprecisão, dessa pratica de construcções gramaticaes propositadamente confusas na ancia de melhorar a fórma estetica da frase.

Vista a razão de existencia dessa escola, dessa



DR. GERALDINO DE BRITES

pretensa escola literaria, compreende-se a legitimidade de tão bizarros processos, porque o simbolismo nada mais foi que um «balão de ensaio» atirado em ar de hoste anti-naturalista, a que o interseccionismo veio mafarricar a penetração. A critica já sobre ele se pronunciou, — não entre nós, é facto, com palavras definitivas.

Pedro de Menezês, entretanto, é dos raros que em Portugal o veem praticando com successo. De dia a dia o seu publico aumenta e sendo ainda um Novo que iniciou a sua carreira literaria ha dois ou tres anos apenas, tem o seu nome aposto em obras de apreciado merito, demonstrativas de um trabalho probo e cheio de inteligente continuidade. No *Mais Alto*, destacam-se os poemas em que é motivo predominante a tragedia de Alcacer-Kibir. Pedro de Menezês consegue ser grande: nos seus versos parecem cantar ainda os ultimos gritos de incitamento da «fatal maravilha» que foi D. Sebastião. Depois todo o ambiente se carrega de cores, e enevoenta, e entristece, no choro clamoroso das moirinhas que buscam nos campos El-rei morto.

Mais Alto, vae tendo o aspecto de uma obra definitiva. O seu auctor destaca-se com superioridade na geração que agora avança.

Jogo malabár de frases, *blague*, espirito, qualquer coisa de ligeiro e cantado que nos fica por segundos nos ouvidos como uma melodia que é só son, transcendente e estranho, — mas que agrada, apesar de tudo; — eis o livro de Antonio Ferro: *As grandes Tragicas do Silencio*. Desde o titulo, que é bem escolhido, ao final do volume, domina a mesma preocupação da frase burilada e tocada de modernismos brilhantes. Literariamente bem formada, escrita com inteligente percepção das condições de meio e de tempo em que havia de ser lida, a conferencia que o Poeta do *Missal de Trovas* agora publica em volume é das mais harmoniosas que temos lido no genero.

Tem mais um merito: vem confirmar qualidades de prosador que só os que mais de perto vivem vida de jornal conheciam em Antonio Ferro. A sua frase, embora não expontanea e mesmo manifestamente trabalhada, é subtil, imbuida de personalismo, ligeira e caprichosa.

No verso, em quadras e sonetos, já Antonio Ferro dera testemunho de seus meritos.

«As grandes Tragicas do Silencio», desvendam ao publico um novo aspecto da sua personalidade de escritor: a de estilista elegante.

Com uma carta prefacio do Poeta Eugenio de Castro, publicou o Sr. Silva Tavares o seu *Poemas do Olympo*. Silva Tavares que sendo Novo não é estreiante, já anteriormente havia dado rumor de si com a *Luz Poeirenta*, poemas interseccionistas,

que a critica recebeu na ponta das naifas. Nos *Poemas do Olympo*, versando em geral assuntos nos quaes o seu prefaciador tantas maravilhas tem creado, emancipa-se entretanto de quaesquer influencias estranhas, rimando com notavel individualidade. São notabilissimos e cheios de requinte, o soneto «Canto a hora pagã da nevoa e das vertigens» e os poemas «Marsias», «Psyche», o «Poema da Treva», «Leucothoe», emfim, tantos que a cita-los quasi esgotamos todo o indice do livro. *Poemas do Olympo*, versos de um Novo forte, compreensíveis, cheios da mais pagã e deliciosa estesia, são versos que não-de ficar.

Mendes de Brito não satisfaz no seu volume «Melopelas Estranhas», preferencias populares, burguezas. Escreve ultra-modernissimamente, para os iniciados nas actuaes tendencias de um impressionismo literario, — lá fora decadente. Mendes de Brito é forte. Num conto que em tempos publicou numa revista de efemera vida, desagradaram-me os resabos de frase á Eça que, abdicando da sua personalidade, se dava a empregar. Na «Melopeia Estranha», Mendes de Brito é Mendes de Brito. Todo o seu volume é cheio dos simbolismos mais inteligentes: sente-se nele a alma de um Novo que compreende o que seus sentidos lhe dizem e o traduz em prosa estranhamente melopáica. E' dele esta figura soberba:

«O grande sói é um mendigo, a arder em febre, perto do ceu, sem querer entrar! A luz, alma do sol, morreu».

A's donzelas que me lerem, quero deixar um aviso para que se não digam logradas com meus encomios á obra: não tem enrêdo.

A. BUSTORFF.

No proximo numero: «O poeta Mario Pacheco», estudo de critica literaria e bibliografia.

LIVROS RECEBIDOS:

Os que triunfam, romance por Sousa Costa; *Cantigas*, versos de José Rebelo; *Odes de Anacreonte*, poemas de Luiz Calado Nunes; *Fialho de Almeida*, «in memoriam» — organizado por Antonio Barradas e Alberto Saavedra, no sexto aniversario da morte do escriptor; *Do Amor e da Morte*, cartas por Ruy Gomes; *Noticia historica do curso militar academico de Coimbra*, (1808-1811), por Fernando Barreiros; *Guitarra de Cravelhas*, versos de Domingos Serpa; *Comercio internacional de Portugal*, por Arnaldo Brazão; e *O teatro*, brilhante revista teatral recentemente apparecida e distinctamente dirigida pelo nosso illustre amigo José Parreira e Roque da Fonseca, á qual auguramos a longa vida de que é digna.

PARA ALEM DA GLORIA!...

FALECEU RODIN.

FALECEU DEGAS.

Arte, Artistas e todo o mundo culto, estão de lucto. No proximo numero desta Revista arquivar-se-hão algumas notas criticas, acerca de um e outro dos Genios.

Casa VENTURA ABRANTES

(LIVRARIA EDITORA)

80, Rua do Alecrim, 82 — Lisboa

Telefone 870

Livraria, tipografia, encadernação,
Fotogravuras, assinaturas, leilões e
Desenhos de capas e Illustração por

SAAVEDRA MACHADO

Livraria das Novidades

DE

ANTONIO DOS SANTOS CAPELA

Rua da Marinha, 15 — FARO

Livraria, Papelaria, Loterias, Tabacos
nacionais e estrangeiros

N'este estabelecimento vendem-se e compram-se todos os livros
para escolas e liceus, romances e obras scientificas. Recebem-se
diariamente todas as novidades literarias, jornaes de modas, figu-
rinos e publicações.

Grande sortimento em BICHETES POSTAIS

Assinaturas permanentes de todos os romances e mais obras.
Descontos aos revendedores e estudantes. Encadernações a preços
muito baixos.

Agente das principaes casas de LISBOA

Depositario da ALMA NOVA, em Faro

SEMENTES

Hortalicas,
flores,
arvoredo,
cereais,
pastos,
etc.

Pedidos a
Alfredo Car-
neiro de
Vasconcellos
& Filhos



105, Rua de S. João, 111 — PORTO

Fabrica Industrial 1.º de Maio

SERRALHARIA MECANICA E CIVIL

FUNDIÇÃO DE FERRO E BRONZE



MANUEL CARVALHO

RUA INFANTE D. HENRIQUE, 188 — FARO

Construção de Poços Artesianos. — Vendem-se materiaes para os mesmos

Esta casa, que é no genero a primeira da provincia do Algarve, encarrega-se de todos os trabalhos meca-
nicos e civis. Constróem-se engenhos de noras de todas as qualidades, com a maior ligeireza, solidez e
perfeição. Fazem-se charruas de todos os tamanhos, maquinas de debulhar milho, colunas, tubaria e todos
os utensilios agricolas. Ninguem deixe de comprar n'esta casa, visto que em parte alguma do país se fabri-
cam e vendem estes generos em melhores condições.

Preços sem competencia Ninguem compre sem visitar esta importante fabrica

ALMA NOVA

Correspondendo ao que prometemos e para que cada numero da ALMA
NOVA saia de facto sempre dentro do mês que lhe corresponde, ainda no cor-
rente serão publicados os dois referentes a fevereiro e março, para os quais já
contamos originaes dos mais preciosos, tanto literarios como artisticos.

ANUNCIOS

Recebem-se e ilustram-se anuncios para as capas e guardas do brilhante
numero.

SERVIÇOS DE COBRANÇA

Para os nossos Ex.^{mos} assinantes estão sendo expedi-
dos os recibos referentes a este primeiro semestre (n.ºs 25
a 30), aguardando mais uma vez a pronta satisfação dos
mesmos, a fim de serem evitados prejuizos com que no atual
estado de crise não podemos arrostar.

Por motivo de greve tipografica só hoje ponde sair
este numero, saindo muito proxivamente os referentes a
fevereiro e março.

Biblioteca da ALMA NOVA

EDIÇÕES

| | |
|---|------|
| Prece ao vento, 1915 — Mateus Moreno | \$10 |
| Etnografia artistica — I. Uma corna alemtejana (separata), 1916 — J. Leite de Vasconcellos. | |
| II. Apetrechos de mela, idem, 1917, idem. | |
| III. A linguagem dos gestos (separata), 1918 — J. Leite de Vasconcellos. | |
| Perfis (separata), 1917 — José Rebelo. | |
| Minha Patria, 1917 — Mateus Moreno | \$40 |
| Odes de Anacreonte, 1917 — Luiz Calado Nunes | \$50 |
| Cantigas, 1917 — José Rebelo | \$30 |
| De Portugal á Flandres, 1918 — Mateus Moreno | \$30 |
| Alma Nova: 1.º ano (1.ª serie — N.º 1 a 12), esgotado. | |
| 2.ª serie, 1.º vol. (N.º 13 a 18) | \$60 |
| » » II.º vol. (N.º 19 a 24) | \$60 |

À venda na redacção da ALMA NOVA e em todas as livrarias

DE PORTUGAL A' FLANDRES

POR MATEUS MORENO

*(Cinco cartas de guerra a cinco
companheiros de lutas)*

Com ilustrações

Preço \$30

MINHA PATRIA

(POEMAS)

POR MATEUS MORENO

«Em toda a «Minha Patria» fulge um sentimento nobilissimo, expresso por vezes com uma impecabilidade e beleza notavel. E' um livro são e belo, grande e util.»

Cruz Magalhães.

Capa de Eduardo Romero

2.ª edição, ilustrada, no prelo

ODES DE ANACREONTE

TRADUZIDAS POR

LUIS CALADO NUNES

Com duas Odes autenticas do velho-
folgasão de Teos.

Capa de Saavedra Machado

Preço \$50

CANTIGAS

POR JOSÉ REBELO

«Delicado volume de quadras, onde se ama, tem esperanças, sonha — e é Poeta.»

Preço \$30

SEM NORTE

(VERSOS)

POR CRUZ MAGALHÃES

No prelo. A sair brevemente